

BRASÍLIA-DF

REPETINDO UM FEITO DE OUTRAS CRISES, FHC SAIU-SE DESTA, ATÉ AGORA, COMO SE AS AÇÕES DE SEU GOVERNO E SEU PARTIDO NÃO FOSSEM DE SUA CONTA



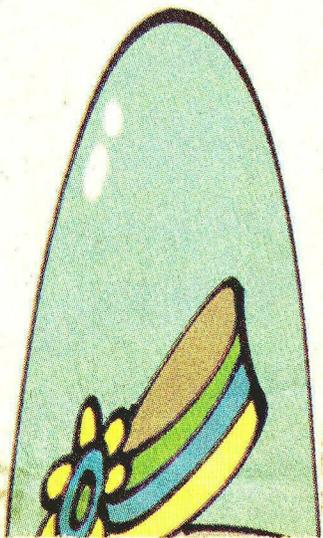
POR ARLETE SALVADOR

arlete@correioweb.com.br

O presidente e o governo

Na briga em que se engalinharam PSDB e PFL, salvou-se o presidente Fernando Henrique Cardoso. Não exatamente o seu governo, que enfrenta hoje um teste de sustentação no Congresso e de apoio do PFL com a votação do projeto que prorroga a CPMF (Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira) até 2004. O que se salvou foi a imagem do presidente. Repetindo um feito de outras crises, FHC saiu-se desta, até agora, como se as ações de seu governo e seu partido não fossem de sua conta.

O PFL, que deixou o governo furioso e ofendido com a invasão da empresa da governadora do Maranhão, Roseana Sarney, isentou o presidente do episódio. Na nota oficial divulgada na quinta-feira, quando o rompimento com o governo foi sacramentado, não havia sequer uma referência ao presidente. Os pefelistas responsabilizam o ministro da Justiça, Aloysio Nunes Ferreira, e o senador José Serra, candidato a presidente pelo PSDB, pela ação policial e pelo vazamento de informações para a imprensa. Nenhuma referência ao fato de Aloysio ser um ministro de FHC e Serra, seu candidato.



O senador José Sarney (-PMDB-AM), pai de Roseana, adiou sua fala em plenário pela segunda vez. Desde a semana passada, ele promete um discurso no



Os.

qual cobraria do presidente, se não a sua participação no episódio, pelo menos sua omissão em evitá-lo. O próprio Sarney teria alertado FHC de que arapongas andavam revirando a vida de Roseana no Maranhão em busca de informações para desacreditá-la. Discurso adiado de novo, é bem provável que não se fale mais no assunto. Nos bastidores, a governadora credita boa parte da culpa pela dimensão dada à ação policial em sua empresa ao presidente.

Em crises semelhantes, o desfecho seguiu o mesmo roteiro. No ano passado, por exemplo, quando foi excluído da presidência das Mesas da Câmara e do Senado, momento considerado o embrião do rompimento da semana passada, o PFL também mirou suas baterias mais pesadas contra José Serra. Difícil acreditar que Serra, articulador da guinada que transformou o PMDB em aliado preferencial, no lugar dos pefelistas, tivesse agido sem o aval do chefe. Entretanto, o presidente, como agora, saiu do episódio como uma espécie de magistrado, acima das desavenças, brigas, intrigas e disputas de seus, digamos, liderados.

O próprio presidente tira proveito e, ao mesmo tempo, estimula essa separação entre presidente e governo, assumindo uma ou outra posição dependendo da situação. Ontem, ao comentar o rompimento da aliança com o PFL, ele disse que poderia ter ganho a eleição presidencial sozinho. Segundo ele, os partidos da base aliada, sobretudo o PFL, se juntaram em torno de um programa para o Brasil e não apenas por interesse eleitoral. Dá a idéia de que uma coisa não tem nada a ver com outra.

Fernando Henrique tem conseguido sobreviver aos sobressaltos, principalmente por ter se transformado numa peça fundamental na eleição deste ano. Sem se mexer na cadeira, ele é depositário de, pelo menos, 15% dos votos dos brasileiros. Gente que sempre vota no governo. Além disso, ainda é lembrado pelo eleitorado como um dos responsáveis pelo Plano Real e, portanto, pela estabilidade. Também o eleitor, segundo alguns analistas de pesquisas, faz uma distinção entre o presidente e o seu governo.

Finalmente, há uma razão pragmática. O presidente é o dono do governo, de suas verbas e estrutura, em ano eleitoral. O PFL, em particular, pode dinamitar todas as pontes, para usar uma expressão repetida semana passada, com o PSDB, seu opositor no campo eleitoral. Mas precisa, pelo menos, manter a de comunicação com o presidente de pé. É bom para os dois lados.